



GT 24. Construções biográficas como narrativas do protagonismo indígena

Coordenador(es):

Ana Flávia Moreira Santos (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Rita de Cássia Melo Santos (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Há algumas décadas o debate sobre protagonismo e “agency” vem se destacando na Antropologia, sobretudo em relação às populações indígenas. Se, por um lado, propostas vinculadas a esse movimento resultaram em uma mudança de perspectiva nos modos como essas coletividades são pensadas, por outro persiste uma dificuldade em compreendê-las como parte integrante e fundamental das múltiplas formações políticas brasileiras existentes nos períodos colonial, imperial e republicano. A outrificação e a externalidade desses grupos continuam a ser etnográfica e teoricamente produzidas, muitas vezes contrariamente à sua própria colocação política. Trata-se, em muitos casos, da manutenção de um certo exotismo, que teima em subsistir na Antropologia. Este GT pretende, ao inverso, reunir trabalhos que permitam apreender o protagonismo indígena em diferentes tempos e escalas, por meio de biografias e de modalidades associadas a essa forma narrativa (trajetórias, relatos autobiográficos, histórias de vida, etnobiografias). A escolha pelo gênero biográfico busca destacar os múltiplos trânsitos dessas populações, reconstruindo seus horizontes de possibilidade e ação a partir de situações concretas, presentes e passadas. Às contribuições teóricas do campo da Antropologia somam-se as reflexões da História, da Sociologia, dos Estudos Literários, num esforço de promover uma compreensão mais ampla do protagonismo indígena.

Trajetória de aluno Waiwai no ensino superior brasileiro: aprendizado, estigmas e afetos

Autoria: Roque Yaxikma Wai Wai (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais), Diego Darlisson dos Santos Sousa

Eu sou do povo Wai Wai que mora no norte do Pará, dentro da terra indígena TI Trombetas Mapuera. Nasci na aldeia Pomkuru que fica acima da aldeia Mapuera, onde eu moro hoje em dia. Cresci e quando eu completei sete anos eu comecei aprender a escrever minha língua materna na escola. Tinha apenas professor indígena. Mas assim mesmo eu continuava estudando, indo à escola até concluir ensino infantil. Nessa época meus pais se mudaram de outra aldeia para Mapuera. Lá comecei a estudar novamente na escola. Eu sempre estudava na educação indígena dentro da aldeia e na 5ª série comecei aprender língua portuguesa. Eu não gostava muito de aprender essa língua porque ela era muito diferente da nossa língua. Eu estava acostumado a estudar nossa língua desde criança. Entrei no ensino médio em 2011. Eu tinha muita dificuldade de entender e escrever na língua portuguesa. No final do ano 2013, meu irmão me avisou pra eu vir fazer prova do PSEI na cidade de Santarém. Eu não sabia e nunca tinha ouvido falar antes de universidade. Quando cheguei na cidade pela primeira vez achei muito lindo o lugar aonde eu vim estudar. Logo quando cheguei um dia não consegui dormir porque ouvia bastante barulho da cidade e não me acostumei. Passei na prova. Fiquei muito feliz por ingressar na universidade, apesar de não saber muito o que iria estudar. Quando eu entrei na UFOPA no começo do ano 2014, no curso de Antropologia, na sala eu não entendia nada o que professor estava explicando. Fiquei triste quando eu estava desse jeito, pensava em desistir do meu curso porque eu não compreendia achava que não ia entender nada da língua portuguesa. Continuei estudando com o intuito de acumular e produzir conhecimento e pensando na possibilidade de alguma forma ajudar meu povo como tradutor, docente, lutar junto aos direitos indígenas. A conclusão desse curso é uma vitória não somente para mim, mas para todos do meu povo Wai Wai. Vivemos atualmente



diversos povos falantes de diferentes línguas e culturas. E interessante para entender relações entre as sociedades indígenas. Eu quero abordar as histórias sobre as flautas Wai Wai e flautas de outros povos que moram rio Trombetas, mas sinto que ainda tenho imensa dificuldade com o estudo dos brancos (karaiwa yehcamhokatopo poko) eu como falante de língua portuguesa. Lutei cinco anos dentro da Ufopa, para aprender a entender junto aos acadêmicos não indígenas, ouvia, olhava as discussões dos colegas sobre os textos mas não entendia nada quando os professores explicavam as obras dos autores. Passei todos os dias, semanas, assim sofrido. Depois de um ano encontrei dois amigos que se tornaram próximos e não apenas colegas de sala, que faziam o mesmo curso. Sempre eu me encontrava com eles, eles me explicam os textos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: